

JOÃO TORDO

Inventário da solidão



COMPANHIA DAS LETRAS



A palavra *paixão*, não é novidade, deriva do grego *πάθος*, que significa sofrimento. Ou, dito de outra maneira: aquilo que nos devasta, um acidente ou um infortúnio. Aristóteles, na sua descrição dos elementos da tragédia, chamou-lhe *calamidade*, um acto destrutivo e doloroso.

Num sentido muito verdadeiro, a paixão é uma doença do espírito, e não é por acaso que *patologia* tem a mesma raiz etimológica. Este excesso dos sentidos, das emoções — esta aflicção — tem sido um dos grandes temas da arte, a fonte dos maiores desentendimentos entre os seres humanos, a origem de um caudal interminável de dor.

É-nos difícil ou quase impossível aceitar isto: que estar *apaixonado* é viver um estado patológico, um sofrimento hediondo e não reconhecido (porque se confunde com uma sensação de êxtase, semelhante à do sonho), que nunca termina bem. Mais do que qualquer outra coisa, desejamos, nas nossas vidas, esta condição de escassa lucidez.

Em nome dela, abandonamos os nossos princípios e necessidades, esquecemo-nos de quem somos.

Em nome de uma doença.

Graças ao advento da tecnologia, todos os telefones receberam a mensagem no mesmo segundo. Rebecca morrerá. A sua morte fora súbita e inesperada, um tumor no cérebro, chamado glioblastoma, o tipo de glioma mais comum do sistema nervoso central, mas de grau IV, isto é, um cancro que evolui de forma rápida e cujos sintomas se confundem muitas vezes com os de um acidente vascular cerebral: náuseas, dores de cabeça, dificuldades cognitivas.

Assim foi a mensagem de Helen — uma descrição breve do que acontecera a Rebecca depois de ter caído, inconsciente, num *pub* em Dingle, na Irlanda. Desmaiou, o marido levou-a de urgência para o hospital, e três horas depois estava morta. Deixava para trás uma vida complexa e uma carreira nos serviços sociais prematuramente abandonada por motivos diversos: depressão, instabilidade, alcoolismo. Enfim, o que se pode esperar de uma mulher de sessenta anos que a vida maltratara.

Os meus antigos colegas de faculdade apressaram-se a despejar condolências no grupo de WhatsApp. A expressar o horror por aquela morte inesperada, a desejar paz à família, que a alma de Rebecca encontrasse repouso no Céu. Não era a primeira: um colega morrerá de sida em 1998, e uma outra, cipriota, cujo nome entretanto esqueci, fora vítima de um acidente de aviação

em 2005, no aparelho 522 da Helios Airways que se despenhou a caminho de Atenas.

Não desmentíamos as estatísticas. De uma turma de trinta alunos, tinham morrido três em quase quarenta anos. A próxima década, ou duas, ditaria a morte de tantos outros. Eu seria porventura um deles.

Quando soube da notícia, pedi à minha secretária que fizesse o paciente seguinte esperar uns minutos, fui até à pequena varanda do gabinete e, ao fim de vinte e três anos de abstinência do tabaco, acendi um cigarro. Guardava um maço na gaveta da escrivaninha, que renovava anualmente, acalentando a secreta esperança de que um dia voltaria a fumar um cigarro, embora associasse a esse dia uma vitória. O dia em que escrevesse um livro, por exemplo, ou o dia em que a minha filha me desse um neto.

Afinal, foi no dia em que soube que Rebecca Connelly tinha morrido.

Nessa noite, depois do trabalho, revirei a casa à procura de coisas antigas. Encontrei uma pasta de arquivo com elásticos, de cantos desgastados, na qual guardara documentos e fotografias do passado. Fotografias minhas e do meu irmão, de quando éramos miúdos (eu era o mais velho, ele, o mais alto); uma fotografia de família tirada no Natal de 1985 (como eu era magro e tristonho, meu Deus!); outra da minha filha ao colo do meu pai, algures em 1990; por fim, no fundo da pasta, as duas coisas que eu procurava. A primeira era a minha carta de admissão na St. John's University em 1981, que recebi pelo correio, vinda de Inglaterra, algumas semanas depois da candidatura. A segunda, uma fotografia esbatida, a preto e branco, tirada por alguém em quem eu não pensava havia muitos anos.

As décadas de reclusão da fotografia dentro do arquivo haviam-na amarelecido. Nela, vêem-se cinco pessoas na escadaria que conduz à porta da St. John's. É um dia de Inverno, e todas usam casacos grossos e cachecóis em volta do pescoço. Os cabelos das duas raparigas estão num alvoroço, decerto agitados por um vento forte. O rapaz com o cabelo mais curto de todos — alguém vagamente parecido comigo, noutra vida — está sentado nas escadas, o rosto imberbe, sem resquício de barba; ao colo dele, uma rapariga loura, de franja, cujo cabelo lhe esconde parte da cara. De pé, uma segunda rapariga, morena, de braços cruzados, em pose de desafio, e, sentado junto das pernas dela, um tipo de aspecto duro, nariz grande, rosto longo e ameaçador e tufos de barba espessa, com um cigarro na boca. Os dois encaram a lente do fotógrafo com a intrepidez dos rebeldes. Dois ou três degraus acima, está um jovem louro e sorridente, gorducho, que o rapaz imberbe viu pela última vez em 1994, quando foi ao seu casamento em Oslo.

Na minha memória, contudo, não é a rapariga de franja que está sentada ao meu colo naquela fotografia. É a outra. Durante as várias décadas que passaram desde que regressei de Inglaterra, este viés cognitivo — esta intrigante dissonância, tão familiar como um relógio de pulso — manteve-se, e nunca percebi que continuava a efabular, recusando os factos.

A paixão, insisto, é uma doença do espírito, um excesso dos sentidos. Essa doença não é reconhecida, porque produz um êxtase semelhante ao dos sonhos. Sem sabermos, entramos no delírio muito novos, indefesos, ingénuos, e pensamos que é normal, até ao dia em que a morte nos faz despertar dessa fantasia em que durante tanto tempo andámos mergulhados.

E, num instante, tudo muda.

*

Gostava de poder dizer que aconteceu qualquer coisa especial no meu primeiro encontro com Rebecca, ou, pelo menos, que senti por ela uma emoção particular. Melhor ainda, gostava de poder dizer que fiquei imediatamente arrebatado. Mas a verdade é que nada disso aconteceu, pelo contrário. Da primeira vez que nos vimos, não gostámos um do outro.

Foi em Londres, num dia cinzento de Setembro de 1980. Eu chegara de Lisboa havia poucos dias. Tinha vinte e dois anos, era magro que nem um galgo, andava permanentemente des-penteado e usava um casaco de malha azul abotoado até acima, calças demasiado largas e sapatos de vela. Pernas longas e pulsos finos, como o meu pai. Sem ainda o saber, era um pioneiro: pertencia à primeira geração de portugueses que estudavam fora do país depois de 1974. Tivera boas notas, e a minha continuada frequência no British Council — onde conseguira uma recomendação de Hattie Plum, a minha professora — garantira-me uma bolsa de estudo. A senhora Plum dissera-me que eu tinha um futuro radioso, que o meu entendimento de Hobbes e Swift era «prodigioso», e elogiara as dissertações que redigira sobre cada um deles. Vinte e dois anos é uma idade muito tenra para se ouvir estas coisas. Por isso, quando entrei pela primeira vez no *pub* perto da universidade e conheci os meus colegas, de repente, toda a gente me pareceu mais inteligente do que eu. O inglês de escola de línguas era forçado, demasiado lento e formal para o quotidiano. E todos eles — ou quase todos — haviam viajado bastante e conheciam outros países. Que importância tinham Hobbes e Swift, quando comparados com a experiência de vida?

Havia algo cosmopolita naquelas pessoas, uma aura de mundividência que grande parte dos portugueses desconhecia.

Um estudante italiano com *blazers* feitos por medida; uma indiana nascida em Calcutá, que vivera em Toronto e Sydney; uma francesa que estudara na Sorbonne, viajara pelo Sudeste asiático e lera todos os escritores que eu nunca me atrevera a ler (Proust, Mann). E havia Niklas, oriundo de uma pequena vila norueguesa, mas que, aos dezoito anos, viajara pela Europa com um amigo num Alfa Romeo Alfasud e visitara duas dezenas de países; e Helen, que, embora inglesa, nascera em Hong Kong e era filha de um diplomata.

Que podia eu dizer de mim que fosse vagamente interessante? Envergonho-me agora ao recordar como, sentado àquela mesa do *pub* onde os estudantes da St. John's se reuniam uns dias antes do começo das aulas, acabei por mentir, inventando alguém em quem vim a acreditar. Talvez tenha sido essa a primeira manifestação da doença, o nascimento de um mentiroso patológico que distorce os factos até estes se tornarem outros factos — mais atraentes, menos comezinhos na sua essência —, e que acredita neles. Acharia eu que, por dizer aos meus novos colegas que vivia sozinho num apartamento em Lisboa — em vez de num pequeno quarto em casa dos meus pais —, essa mentira era suficientemente inocente para passar incólume? Ou que inventar uma viagem mirabolante pela América do Sul, onde nunca estivera (fizera planos, conjecturas, imaginara-me lá), não denunciava a fraude que eu era? Ou que divagar sobre uma relação com uma mulher mais velha, que nunca existiu (e até sonhar com ela, como se tivesse existido), passava por verdade, em vez de revelar o sintoma mais grave da urgência em ser outra pessoa? Comecei, ali, a ser o mais patológico dos mentirosos. Percebi que seria capaz de inventar qualquer coisa, desde que não me denunciasse: crianças-ciclopes, mulheres de línguas bifurcadas, peixes que sobem às árvores, galinhas de quatro pernas e golfistas de um só braço.

Aquilo que eu era, aos vinte e dois anos, não me servia. E todas as mentiras ajudavam a camuflar o facto de me sentir inferior.

No *pub*, o colega italiano contou, num inglês trapalhão, uma história sobre o pai e Nureyev.

O maior bailarino do La Scala foi o Nureyev, garantiu, e o meu pai era o director do teatro quando ele se apresentou para fazer *Romeu e Julieta*. Foi a primeira actuação do russo em Milão, e o público não gostava dele: a figura andrógina, a maquiagem... nada daquilo era masculino. Para um italiano, um bailarino precisa de ter, como é que se diz?, *virilità*! Além disso, havia os rumores da homossexualidade. Ou da bissexualidade. No intervalo, o meu pai teve de o ir buscar ao camarim, porque o Nureyev estava quinze minutos atrasado, e o público batia palmas. Encontrou-o *nudo*... como é que se diz?

Naked, avançou Helen.

Isso, *naked*, repetiu o italiano, e o Nureyev perguntou ao meu pai se queria que ele fosse para o palco assim. «Não», disse o meu pai, «de maneira nenhuma!», e fechou a porta, chocado com o tamanho do pénis do Nureyev. A seguir, informou os funcionários do La Scala de que teriam de aguardar, porque, se o bailarino aparecesse assim, haveria dois «Romeus» em palco em vez de um.

Toda a gente se riu; eu forcei o riso. O tamanho do pénis era tema que nunca viera à baila nas minhas conversas. Um tabu. A homossexualidade, outro tabu, já para não falar da bissexualidade, que eu imaginava como um compromisso, de acordo com os dias da semana: homens à segunda-feira, mulheres à terça.

Era por isso que insistia em usar *collants*?, quis saber Rebecca. Os rapazes em York têm todos pilas pequenas. Se calhar, devia mudar-me para a União Soviética.

Foi assim que conheci a sua voz. O sotaque do Norte de Inglaterra era diferente do sotaque dos londrinos, musical, as palavras mais fáceis de entender. Mais doces também, como se tivessem mais espaço para existir. Sentado ao lado de Rebecca, estava Alex — cabelo comprido, nariz grande e adunco, braços cobertos de veias e tatuagens, e o rosto moreno, cavernoso, de maxilar pronunciado, marcando-lhe a intrepidez. Lembrava um tártaro prestes a travar uma batalha em nome de Gengis Khan. Começou a rir-se.

Estás a rir-te de quê?, perguntou Rebecca.

Estou a rir-me da tua estupidez, respondeu, sem se preocupar com o insulto, a voz grave, baixo profundo. Falou então do dissidente búlgaro Georgi Markov, um escritor que dois anos antes tinha sido assassinado em Londres pelos Serviços Secretos. Mataram-no com um guarda-chuva, explicou. Um tipo passou por ele e, com a ponta, espetou-lhe uma minúscula cápsula de ricina na perna. Os livros de Markov continuam banidos, a sua ficha permanece no KGB. Foi assassinado por causa dos relatórios radiofónicos, por ser inimigo do regime.

Alex olhou para Rebecca, que fumava um Pall Mall.

Achas mesmo que o bloco soviético era um bom lugar para viveres?, perguntou-lhe, em tom de provocação. Soprou o fumo para o ar. Tinha a boca grande, o lábio inferior mais grosso, os cantos ligeiramente levantados, o que lhe oferecia um ar trocista.

Se calhar, só por causa das pilas, valia a pena levar a alfinetada, disse ela.

A cipriota interveio:

Oh, quando se ama, quem é que quer saber do tamanho da pila?, disse, meio a brincar. Houve uma troca geral de impressões.

Isso do amor é uma treta, adiantou Niklas. As pessoas dizem que amam, para receberem amor, tal como as crianças se portam melhor antes do Natal, para receberem presentes. (Curiosamente, de todos nós, Niklas era quem melhor conhecia o amor: durante esse ano na St. John's, a namorada e futura mulher visitá-lo-ia com grande frequência.)

Há outra boa história do Nureyev, interveio Rebecca. Ele e um aluno de dança da DDR conheceram-se em Sampetersburgo, e apaixonaram-se. O rapaz chamava-se Kremke, e encorajou o Nureyev a fugir para o Ocidente. E ele fez isso mesmo, durante uma *tournee* em Paris. O KGB mantinha uma vigilância apertada, mas, apesar disso, conseguiu escapar. E depois parece que ligou ao Kremke, para se juntar a ele em Paris. Mas o Kremke já tinha voltado para Berlim Oriental e hesitou. No espaço dessa hesitação, construíram o Muro de Berlim e os dois ficaram separados para sempre.

Porque é que hesitou?, perguntei.

Rebecca fez um esgar de incompreensão. Os nossos colegas falavam muito alto, a música subira de volume. Soergui-me na cadeira para fazer a pergunta outra vez, debatendo-me com o meu inglês de escola, e ela tornou a não perceber.

Então, inclinei-me sobre a mesa e gritei estupidamente alto: Porque é que hesitou?!, o que provocou um silêncio repentino.

Rebecca pestanejou, surpreendida.

Easy, tiger, disse, rindo-se.

Tínhamos chegado ao *pub* ainda de dia e, de repente, eram dez da noite. No bar quase deserto, sobrávamos sete: eu, Niklas, Alex, Giuseppe, Rebecca, Helen e a cipriota. Quantas cervejas bebêramos? A mesa era um aparato de copos de *pint* vazios; atrás do balcão, um estudante da St. John's, taciturno, lia o jornal.

Através da janela, vislumbrava-se a rua fria e ventosa, as folhas que anunciavam o Outono dançando nos passeios, junto do coreto que ficava nas traseiras da universidade. Alguém me deu um cigarro, e eu aceitei. A partir dessa noite, comecei a fumar.

Não me lembro de quem sugeriu que revelássemos o tamanho dos nossos pénis, para pôr fim à discussão sobre Nureyev, mas Niklas foi o primeiro a chegar-se à frente.

Não é comprido, disse ele, mas é grosso como um chouriço.

A risota foi geral. Helen fechava os olhos quando se ria, a franja loura tapando-lhe as sobrancelhas. Tinha umas pestanas longuíssimas.

Como um chouriço!, repetiu ela. Ninguém quer um chouriço dentro de si.

Em tempos de crise¹, um chouriço é muito útil, contra-pôs Niklas, que, naquele momento, era um bêbedo divertido, um pacóvio de aldeia.

Gostei logo de Niklas Nygaard. Também eu vinha de uma cidade pequena num país periférico, ainda que muito mais pobre do que a Noruega. Só que Niklas parecia saber quem era,

¹ A crise. Aqueles foram os anos em que Thatcher encetou uma duríssima batalha com os sindicatos, em que a Inglaterra entrou numa recessão económica, em que o desemprego atingiu um novo máximo histórico em quarenta e quatro anos, em que a inflação disparou; mas também foram os anos em que o Nottingham Forest — hoje, um clube de terceira categoria — venceu a Taça dos Campeões Europeus pela segunda vez, em que toda a gente assistia ao *Sim, Senhor Ministro*, na BBC, em que foram avistados extraterrestres próximo da floresta de Rendlleshams, em Suffolk.

ao passo que eu — ah, eu não fazia a menor ideia de quem era. Quando chegou a minha vez, tornei a mentir:

As raparigas com quem estive dizem que é grande, revelei, reproduzindo as palavras de um colega do secundário que tinha um membro avantajado (talvez não tão grande como o de Nureyev).

Uau, exclamou Rebecca. Isso é que é pujança.

As palavras foram ditas em tom de desafio, e achei-a irritante. Lembro-me de pensar que ela fumava cigarros e bebia cerveja como um homem, limitações do pensamento dessa época.

Embora não me recorde de quem começou a competição de pilas, lembro-me de que foi Rebecca quem persistiu, sugerindo que as nossas pretensões fossem confirmadas, na casa de banho, por uma das raparigas presentes.

No way, disse Niklas, e cambaleou até ao balcão para pagar a despesa dele. Só Karoline podia ver o seu «chouriço», assegurava, enquanto tirava da carteira notas que ia deixando cair no chão do *pub*.

Bom, e vocês?, perguntou Helen.

Alex e o italiano anuíram, e eu também, porque abandonar a contenda seria dar a vitória a Rebecca. A cipriota despediu-se, não apreciava aquele tipo de brincadeiras. Sobraram Rebecca e Helen.

A rapariga de York foi para a casa de banho e o italiano seguiu-a. Regressou sem demora, satisfeito. Alex ergueu-se — era da altura de um jogador de basquetebol — e, na sua passada militar, dirigiu-se para as traseiras, onde Rebecca o aguardava. Demoraram mais tempo. O italiano começou a fantasiar sobre o que se passaria lá atrás — *pompino*, dizia —, e Helen ria-se, os dentes pequenos, os olhos azuis muito espertos.

O empregado do *pub* anunciou os últimos pedidos. Eram quase onze da noite. Que acontecera ao tempo desde que ali chegáramos? Passara como num sonho, e lembrei-me da minha tutora no British Council e de Shakespeare, da cena de Macbeth que nos obrigara a estudar — o caldeirão que as bruxas remexiam, por entre relâmpagos e trovoadas, com a profecia de que seríamos reis, mas a que custo? *Double, double toil and trouble!*

Na casa de banho, demorei a ganhar coragem. Helen estava encostada à porta, para que ninguém entrasse, e eu, no meio da divisão. Lembro-me dos ladrilhos cinzentos e brancos, do vago cheiro a urina, do som da água que gotejava das torneiras. Estou bêbedo, anunciei, e baixei as calças. Helen segurava o copo de vinho na mão direita; com o dedo indicador da outra mão, tocava no lábio inferior, como se aguardasse alguma coisa extraordinária. Baixei também as cuecas. A casa de banho estava gelada, mas eu não sentia nada. Ela baixou o olhar. Riu-se uma vez, fechando os olhos, e eu, envergonhado, subi as cuecas e as calças.

Espera, espera, disse Helen. Deixa-me ver melhor. Refletiu. Não é assim tão grande, comentou, mas também não está mal.

O empregado voltava as cadeiras ao contrário, colocando-as em cima das mesas, quando ficou decidido o vencedor. Helen e Rebecca conferenciaram, de rostos encostados, com gracejos e gargalhadas; fizeram gestos com as mãos, e escolheram Alex, que, apesar da vitória, se limitou a encolher os ombros. Já o italiano, ressentido, atirou, enquanto acendia um cigarro: Uma coisa é em descanso, outra é a trabalhar.

Corria um vento agreste quando saímos do *pub* para a noite cerrada, sem estrelas. Eu e o italiano cambaleávamos. Alex parecia nem ter bebido. Dentro de mim, na névoa da embriaguez, crescia uma tremenda angústia. Helen olhou para trás, procurando-me.

Eu afastava-me. Disse «boa noite» e desviei para a Clerkenwell Road.

Durante o caminho para casa, pensei que, se tivesse um guarda-chuva búlgaro, espetaria a cápsula de ricina na perna de um deles: de Rebecca ou de Alex, não sabia ainda dizer qual.

Naquele tempo, Rebecca lembrava-me Cybill Shepherd no filme *A Última Sessão*: usava risca ao lado e gancho. As sementes, contudo, terminavam aí. Ao contrário da virginal Jacy Farrow do filme de Bogdanovich, percebia-se que Becca já tinha vivido muito, e era quase camaleónica. Por vezes, vestia-se como um rapaz: camisas de homem, casaco de ganga, *jeans*, ténis; noutras, usava camisolas pretas e justas, colar de pérolas, saias, botas, casaco de cabedal.

Quanto a mim, passei por uma dolorosa metamorfose. Primeiro, tentei adaptar-me, mas nada daquilo que eu era servia naquele mundo tão diferente do Portugal dos anos de 1980. O meu olhar cândido e inocente sobre as coisas foi-se evaporando, mas, por trás, não havia nada; e, por isso, fiz o que fazem os inseguros: mudei em função do que esperavam de mim, anulando-me até ser outra pessoa. As décadas que entretanto decorreram atenuam, de certa forma, o que aconteceu, mas não encontro paz em mim. Ninguém me obrigou a mudar. Foi de livre vontade que assassinei a minha essência. E o maior pedido de perdão que fazemos nesta vida é a nós próprios.

Talvez este livro seja isso, afinal: uma maneira de pedir perdão a mim mesmo, de me apaziguar com esse rapaz que não sabia o que fazia.

Inventário da solidão

Ao fim de quase quarenta anos de silêncios e ausências, um antigo grupo de colegas da faculdade reúne-se na Irlanda para um último adeus a Rebecca Connelly, cuja morte, súbita e inesperada, traz ao de cima fantasmas há muito enterrados.

De todos a mais intrépida, mas também a mais inconstante, ninguém poderia imaginar o rumo que a vida de Becca levaria, nem a devastação que traria na sua esteira. Ninguém, excepto o rapaz que a amou durante os tempos de faculdade — o narrador, agora sexagenário, que tenta ainda fazer sentido de todos os caminhos que trilharam o seu destino. Será que na revisitação desse passado de segredos encontrará resposta para a solidão que o consome? Conseguirá ele, com a morte do seu primeiro amor, apaziguar-se com o rapaz que foi e o homem em quem se transformou?

Mais do que um romance sobre o vazio que os grandes amores deixam em nós quando terminam, *Inventário da solidão* é um livro poderoso sobre as doenças invisíveis que corroem o espírito, as matérias perigosas de que todos somos feitos.



«A grande dúvida existencial não é quem sou, mas o que fiz então e o que faço hoje, e qual a distância entre as duas coisas. Descobrir o momento em que demos um passo em falso — ou não demos qualquer passo, permanecendo no mesmo lugar, imobilizados pelo medo —, um passo que nos aprisionou a um futuro sem futuro. E se o presente é ainda capaz de nos bastar, a nós, que ansiámos ter tudo, e a quem tudo escapou.»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt



companhiadasletrasportugal

ISBN: 978-989-583-630-7



9

789895 836307